

R — Creio que visitei êstes países do exterior por acréscimo da misericórdia da Providência Divina, pois, realmente, não tenho títulos nem merecimentos para viagens culturais.

Em 1965, recebemos, convite para irmos aos EE.UU., a fim de estudarmos a possibilidade, com alguns amigos, brasileiros e norte-americanos, de se instalar na grande nação irmã, um núcleo de estudo do Espiritismo Kardequiano. Pude estar com nossos amigos, como o nosso grande companheiro Mister Haddad, Mister Harrison e outros.

Da América do Norte fomos convidados a visitar algumas atividades espíritas na Inglaterra, tendo sido recebido, ali, com muito carinho pelo grande jornalista e escritor inglês, Mister Maurice Barbanell.

Da Inglaterra, aproveitando a oportunidade, pois estávamos em uma equipe de três companheiros, passamos, então de volta, alguns dias na França, visitando instituições espíritas no sul e em Paris, para depois, passarmos alguns poucos dias na Itália, Espanha e Portugal

* PROCURANDO A VERDADE

16 — JOÃO BOIADEIRO: CAUSA MORTIS

P — Que opinião deram os amigos espirituais sobre a causa da morte de nosso João Boiadeiro, o primeiro doente que recebeu transplante de coração no Brasil?

R — A êsse respeito ouvi particularmente dois amigos, médicos desencarnados, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes e nosso amigo André Luiz, que foi médico muito distinto no Rio de Janeiro. Os dois guardam a mesma opinião geral, informando que o problema é de rejeição. (Portanto, um ponto coincidente com aquêle assinalado por todos os grandes mestres, como Zerbini, especialmente, nosso médico brasileiro).

(*) Entrevista gravada pela TV Tupi, canal 4, de São Paulo, realizada pelo repórter Saulo Gomes com o médium Chico Xavier na Comunhão Espírita Cristã, Uberaba (MG), a 5 de agosto de 1968. Transcrita do «Anuário Espírita», 1969.

17 — OS TRANSPLANTES E A SUA SEGURANÇA

P — Os mesmos amigos espirituais, no caso, apresentam alguma idéia para segurança e êxito na operação desta natureza?

R — *Esses dois amigos nossos, nos disseram que, por enquanto, é impossível que a Ciência determine a causa destas dificuldades — não vamos dizer fracassos — porque a causa de tudo isso remonta ao corpo espiritual, e não podemos exigir que a Ciência abrace afirmativas nossas, sem experimentação positiva. Mas a Ciência vencerá o problema.*

O Dr. Bezerra de Menezes, que é um grande médico na Espiritualidade Maior, diz que precisamos considerar o problema, por uma questão de deontologia médica, em dupla face: o problema do doador e do receptor.

Diz ele que a Ciência Médica aperfeiçoará os processos da chamada ressuscitação cardio-pulmonar-externa, através de massagens mais aperfeiçoadas e equipamento elétrico seguro para a defesa do doador. Feito esse trabalho de defensiva, o eletroencefalograma assinalará o silêncio cerebral, ocorrido com a desencarnação.

Passamos, então, ao problema da vitória para o receptor. Diz ele que, não podemos esquecer, a Ciência Médica contornará o problema com os recursos imu-

nológicos mais perfeitos e talvez com o concurso da hipnose com orientação científica, que poderá colaborar muito a benefício do êxito do receptor.

Ele acrescenta, porém, que uma ala muito grande da medicina, com muita propriedade e segurança de atitude, pugna pelo fabrico de órgãos de plásticos e que isso é um problema a ser considerado com urgência para benefício de todos, porque à medida que progredirmos na indústria, vamos dizer, de órgãos de plástico, nós poderemos diminuir o problema da angústia no campo dos doadores.

18 — A NATURALIDADE DOS TRANSPLANTES

P — Seria esta, portanto, mestre Chico Xavier, a opinião dos amigos espirituais acerca dos transplantes de órgãos?

R — Justamente. Eles dizem que isso é um problema de Ciência muito legítimo; assim, como nós utilizamos o motor de um carro, com os demais implementos estragados, num outro carro que esteja com seus implementos perfeitos mas com o motor inutilizado.

Não podemos comparar o homem com o automóvel, mas podemos adotar o simile para compreender que o transplante de órgãos é muito natural e deve ser levado adiante.

P — Os espíritos acreditam que o transplante de órgãos seja contrário às leis naturais?

R — Não. Eles dizem que, assim como nós aproveitamos uma peça de roupa, que não tem utilidade para determinado amigo, e esse amigo, considerando a nossa penúria material, nos cede essa peça de roupa, é muito natural, ao nos desvencilharmos do corpo físico, venhamos a doar os órgãos prestantes a companheiros necessitados dêles que possam utilizá-los com segurança e proveito.

19 — TRANSPLANTES E O CORPO ESPIRITUAL

P — Há uma pergunta que nós queremos ler com muita atenção. Mestre, dizem os espíritos que o corpo físico é uma duplicata do corpo espiritual; no transplante do coração não haverá um choque entre a existência do órgão que permaneceu no corpo astral ao lado do que foi substituído?

R — Por isso mesmo que o nosso amigo André Luiz considera a rejeição como um problema claramente compreensível, pois o coração do corpo espiritual está presente no receptor. O órgão astral, vamos dizer assim, provoca os elementos da defensiva do

corpo, que os recursos imunológicos em futuro próximo, naturalmente, vão sustar ou coibir.

20 — O FENÔMENO DA MORTE E A SITUAÇÃO DO DOADOR

P — Que pensar da situação do doador de órgãos, no momento da morte, uma vez que seu instrumento físico se viu despojado de parte importante?

R — É o mesmo que sucede com uma criatura que cede seus recursos orgânicos a um estudo anatômico, sem qualquer repercusão no espírito que se afasta — vamos dizer, de sua cápsula material.

O nosso amigo André Luiz considera que, exceetuando-se determinados casos por mortes em acidentes e outros casos excepcionais, em que a criatura necessita daquela provação, ou seja, o sofrimento intenso no momento da morte, esta de um modo geral não traz dor alguma porque a demasiada concentração do dióxido de carbono no organismo determina anestesia do sistema nervoso central, diz ele.

Estou falando como médium, que ouve esses amigos espirituais; não que eu tenha competência médica para estar aqui, pronunciando-me em termos difíceis.

Eles explicam que o fenômeno da concentração do gás carbônico no organismo alteia o teor da anes-

tesia do sistema nervoso central provocando um fenômeno que eles chamam de acidose. Com a acidose vem a insensibilidade e a criatura não tem êstes fenômenos de sofrimento que nós imaginamos.

O doador, naturalmente, não tem, em absoluto, sofrimento algum.

21 — O TRABALHO MÉDICO E OS ESPÍRITOS

P — Os espíritos, por acaso, Mestre Chico Xavier, auxiliam doadores e receptores de órgãos, bem assim como as equipes cirúrgicas que se empenham em tão duras tarefas?

R — Auxiliam e muito. Os espíritos amigos dizem que a missão do médico se reveste de tamanha importância que, ainda mesmo o médico absolutamente materialista está amparado, pelas forças do mundo superior, a benefício da saúde humana.

Nós não podemos esquecer, também, que outros médicos que desencarnaram na Terra, passam a estudar medicina em outros aspectos, em aspectos mais evoluídos, no mundo espiritual, e se reencarnam com determinadas tarefas.

Há tempos ouvi o Espírito de um médico amigo, que conheci muito em Belo Horizonte, e que era de-

votado à cancerologia. Ele informou-me que, no espaço, está estudando cancerologia desdobrada em outros aspectos e outros fenômenos, pretendendo se reencarnar dentro em breve tempo, para estar conosco, em princípios do século futuro, aperfeiçoando as técnicas e estudos da cancerologia na Terra.

22 — A MORTE DO DOADOR

P — Qual a situação de um doador de órgãos após a intervenção cirúrgica, Chico Xavier, uma vez constatada sua desencarnação?

R — É uma situação pacífica, porquanto, o fenômeno é igual ao daqueles amigos nossos, às vezes jovens que serão, amanhã, grandes médicos, grandes anônimos, benfeiteiros da Humanidade, que cedem suas visceras a uma sala de anatomia para benefício dos cientistas.

23 — DOADOR E RECEPTOR NO PLANO ESPIRITUAL

P — Podemos imaginar um possível encontro entre doador e receptor de órgãos no mundo espiritual — Mestre Chico — como por exemplo, no caso do

operário Luiz Ferreira Barros e do boiadeiro João Ferreira da Cunha, agora, também desencarnado?

R — Perfeitamente. Acreditamos, com segurança que os dois se encontraram e devem desfrutar, entre os amigos espirituais, de uma posição de muita simpatia, pois ambos serviram, no Brasil, para uma experiência demasiadamente importante para a Ciência do nosso país.

Acreditamos que êles ganharam, com isso, um mundo de vibrações simpáticas e o reconhecimento, que nós todos devemos a êsses dois pioneiros, porque nós não os consideramos como mortos, mas, sim, como espíritos eternos.

24 — SOBREVIDA

P — Os espíritos falam que uma pessoa que esteja sofrendo agora, está resgatando faltas do passado; no caso de um transplante de órgãos, como êste, terá obtido, o enfermo um novo merecimento?

R — No caso do receptor, sim. Ele terá adquirido uma sobrevida, determinando moratória de extraordinário valor para êle.

O nosso amigo, que foi beneficiado em S. Paulo

viveu, segundo notícias que temos, 30 dias, não sei bem.

Mas, é uma sobrevida extraordinária para uma criatura que tem muitos negócios, muitos assuntos a realizar e com um mês, com vinte dias, pode solucionar enormes problemas e partir com muita serenidade, muita alegria, para o mundo espiritual.

P — E no caso — eu peço licença para fazer um desdobramento desta pergunta — daquele que não tem muitos negócios, como no caso de João Boiadeiro?

R — Nós devemos considerar êste homem como um amigo, um benfeitor da Humanidade, que serviu para nós todos, como modelo para uma experiência aproveitável para as criaturas de grandes negócios, que interferem no destino de muita gente.

25 — IMPRESSÃO DEPOIS DA MORTE

P — Chico Xavier, não sabemos se esta pergunta está prejudicada: de modo geral, qual será a primeira impressão da criatura humana, na ocasião precisa da morte?

R — Para todos aqueles que terminaram a existência terrestre com uma consciência tranquila, limpa, conquanto os muitos erros em que todos nós incorremos nesta existência, a impressão no outro mundo é de profunda alegria, de felicidade mesmo, no reencontro com as pessoas queridas que nos antecederam na grande transformação. Mas, quando nós malbaratamos os patrimônios da vida, quando não consideramos as nossas responsabilidades, é natural que soframos as conseqüências disso no mundo espiritual, antes de voltarmos, naturalmente, à Terra, em novo renascimento, para o resgate que se faz jus.

26 — DESDOBRAMENTO ESPIRITUAL E L.S.D.

P — As impressões logo depois da morte terão alguma semelhança com o chamado desdobramento espiritual da pessoa viva, e tem você ainda, Chico Xavier, alguma experiência com o espírito fora do corpo e os efeitos do ácido lisérgico?

R — A experiência do desdobramento espiritual é muito semelhante à da desencarnação. Pelo menos o que tem ocorrido comigo e segundo as instruções dos amigos espirituais, há muita semelhança do desdobramento mediúnico com o fenômeno da desencarnação

Quanto aos efeitos do ácido lisérgico, devo dizer, que propriamente neste mundo não tive nenhuma experiência dessa natureza. Mas, em Outubro de 1958, ouvi, pela primeira vez, referência à mescalina, ao ácido lisérgico.

Perguntei ao Espírito de Emmanuel, que nos dirige há muitos anos, se eu poderia ter uma experiência desta com amigos de Belo Horizonte. Ele me disse que eu não precisava ter essa experiência e que, me facultaria um ensinamento, nesse sentido, na primeira oportunidade.

Aconteceu que um determinado dia — não me lembro qual, precisamente, no calendário — amanheci com larga dose de pessimismo; um espírito de indisciplina, de intemperança mental, acreditando que não era uma pessoa feliz, observando cada dificuldade como se tivesse uma lente nos olhos para aumentá-las em todos os sentidos.

Quando foi à noite, vi-me no desdobramento fora do corpo. Emmanuel então se aproximou de mim, informando que iria fazer a experiência desejada.

Colocou uma bebida branca num copo — naturalmente em outro estado da matéria — e disse-me que aquêle líquido era um alcalóide que iria me facultar experiência semelhante a que se tem com o ácido lisérgico.

Depois que bebi aquela bebida, que era um tanto quanto amarga, comecei a me sentir muito mal, sentir que estava entrando num pesadelo, vendo animais monstruosos em torno de mim, vendo criaturas

de interpretação difícil, cenas muito desagradáveis, e acordei com a impressão de muito mal-estar, passando um dia terrível.

Em Outubro, na minha terra, comumente, temos muita bruma seca e vi, então, o Sol como se fosse uma fogueira incendiando o céu e a bruma seca, como se fosse a fumaça daquela fogueira. Tudo me irritava, tudo me descontrolava.

À noite, então, ele me informou que na experiência que estava tendo e desejava, o alcalóide não fez senão aumentar os recursos que estava alimentando na minha mente. A bebida alterou minhas percepções e estava tendo o resultado: vendo por fora de mim o que estava dentro de mim.

Com o espírito aflito, porque a situação era muito desagradável, pedi instruções para readquirir minha tranquilidade. Mandou-me que orasse, procurasse recolher-me ao silêncio e não falasse, e procurasse lugar onde praticar o bem para adquirir vibrações de alegria.

Comecei a visitar doentes desamparados; procurar vibrações de simpatia aqui e ali, e durante uns cinco dias estive trabalhando por me desfazer daquele estado terrível da minha mente, que não era um estado muito longe da alienação mental. No sexto dia, melhorou. Aquela nuvem passou e adquiri otimismo, compreensão da vida e paz de espírito.

À noite, ele informou-se que eu iria ter a mesma experiência, iria beber o mesmo alcalóide do mundo espiritual, semelhante ao da Terra. Tomei aquela

bebida de gosto amargo e o meu otimismo se transformou numa expressão de alegria profunda, numa embriaguez de felicidade.

No outro dia tive sonhos maravilhosos, como se estivesse numa cidade de cristal, como se o céu fosse todo de vidro e qualquer luz se refletia em muitos ângulos.

Acordei feliz. Fui para a repartição e o meu chefe de serviço tinha para mim expressão angélica. Os meus companheiros estavam todos nimbados de uma luz que eu não podia explicar. Os livros pareciam encadernados por pedras preciosas. As plantas e os animais tinham luz. Eu me sentia com aquele anseio de comunhão, aquela vontade de abraçar as pessoas, como se todas fossem minhas e eu pertencesse a elas, sem nenhuma idéia de sexo, mas uma idéia, um desejo de transsubstância, de transmutação nos outros seres.

Durante uns quatro dias estive assim, naquele estado de alegria anormal. Ele, então, me disse:

— Você também está vendo seu estado mental aumentado pelo alcalóide. Está vendo seu próprio mundo íntimo fora de você. Quero, então dizer-lhe que é preciso ter muito cuidado, porque o cérebro terrestre está condicionado a guiar a nossa mente para os assuntos alusivos à vida humana. Nós não podemos estar nem muito à frente, nem muito na retaguarda. O cérebro está condicionado para guardarnos em equilíbrio, a fim de que possamos suportar a

carga dos acontecimentos da vida, das provas de que necessitamos.

Explicou-me, então, que a criatura, conforme seu estado mental, traz para si mesma os próprios reflexos.

Se a pessoa está muito triste, muito pessimista e toma ácido lisérgico, cai numa condição temível e não se sabe quais serão as consequências.

Se ela está muito otimista, pode cair num problema de irresponsabilidade. É um estado maravilhoso, mas é um estado de embriaguez incompatível com a nossa necessidade de lutar com os nossos problemas humanos, com os nossos deveres.

Nós estamos aqui para cumprir obrigações. Não estamos aqui para gozar de um céu imaginário, nem para fantasiar um inferno que devemos evitar.

Chegamos à conclusão de que o ácido lisérgico, ou um alcalóide qualquer, ou produto sintético que provoque estas sensações, são de resultados ruinosos se a Ciência não entra no assunto.

27 — D R O G A S ALUCINÓGENAS, LOUCURA E OBSESSÃO

P — Portanto, nós perguntamos: as drogas que produzem estes desequilíbrios temporários podem ser responsáveis por loucura ou obsessão?

R — A esse respeito o nosso André Luiz tem conversado muitas vezes comigo, naturalmente, tentando vencer a minha ignorância de criatura sem recursos acadêmicos, para dar à sua palavra a interpretação necessária.

Os espíritos amigos, representados na sua pessoa, nos dizem que não só a viciação pelo ácido lisérgico, ou por um outro alcalóide qualquer, opera a viciação de nossa vida mental.

Quando entramos pela delinqüência, quando caminhamos pelas vias da criminalidade, adquirimos distúrbios muito sérios para a nossa vida espiritual.

Toda a vez que ofendemos a alguém estamos dilapidando a nós mesmos, porque estamos conturbando o mundo harmonioso em que se processa a nossa vida; assim é que muitos espíritos, muitas pessoas amigas desencarnadas que tenho visto em sofrimento no mundo espiritual, ao reencarnar-se, o faz em condições mentais precárias, encontram-se em muitos graus de alienação mental, em muitos graus de enfermidade.

André Luiz me diz que a nossa mente na vida natural libera substâncias químicas necessárias à preservação da nossa paz, no cumprimento dos nossos deveres na Terra. Porém, quando nós conturbamos o binômio alma — corpo, caímos em problemas espirituais muito difíceis.

Assim é que muitos fenômenos da loucura e da obsessão, diz André Luiz, são atribuíveis à liberação

anormal das catecolaminas, da medular da suprarrenal, tanto quanto dos seus depósitos outros no organismo e, assim consequentemente, de seus produtos de metabolização, como sejam, a adrenolutina e o adrenocromo, cuja ação específica, interferindo na distribuição da glicose no cérebro, determina alterações sensoriais muito grandes, alterações estas que serão estudadas, com segurança pela medicina psicossomática do futuro.

Emmanuel, que entra como um grande evangelizador, diz que, por isso mesmo, Jesus afirmou: "o reino de Deus está dentro de vós". Mas assim como o reino de Deus está dentro de nós, o reinado temporário do mal, ou das trevas, está também dentro de nós, quando nos afeiçoamos às trevas. E, acrescenta, às preleções de André Luiz, que "a Ciência e a Religião são as duas fôrças propulsoras e mantenedoras do equilíbrio na Terra.

Sem a Ciência o mundo se converteria numa selva primitivista, sob o domínio da animalidade; mas sem a Religião, converteríamos a Terra num hospício de largas dimensões em que a irresponsabilidade caminharia em tôdas as direções."

Então, nós — os religiosos — e os cientistas vamos caminhando lado a lado, pois com base na própria Ciência e segundo os ensinamentos religiosos de tôdas as raças, é do equilíbrio das nossas emoções que resulta a saúde perfeita, o corpo sadio.

Uma pessoa, por exemplo, está no mundo espiritual em posição precária quanto à sua vida mental, e

se reencarna em condições difíceis. Logo na primeira meninice aparece a esquizofrenia. Temos aí um caso que pode ser curável, conforme o merecimento espiritual da criatura. Curável porque o problema da emoção conturbada já desencadeou determinados distúrbios mentais que desregularizaram as fontes de distribuição das substâncias químicas do nosso organismo.

Temos muita coisa para estudar no futuro. Todavia, podemos asseverar que o mal será sempre um fator desencadeante de doença, seja êle qual fôr.

Peco licença para dizer que não estou falando por ter ciência de mim mesmo. Estou falando como uma pessoa que ouve dos amigos espirituais.

Por exemplo, êles falam que a libertação anormal das catecolaminas, a que nos referimos, gera produtos de decomposição da adrenalina, como sejam, a adrenolutina e o adrenocromo. Vai se estudar muito a êsse respeito, em matéria de psicologia e de psiquiatria, a fim de curar, pois estas doenças são tôdas curáveis, são sustáveis, podem ser paralisadas.

Mas, eu digo não por mim, mas porque ouço André Luiz. Se eu estiver cometendo alguma impropriedade para os amigos telespectadores laureados com títulos acadêmicos, que não possuo de forma alguma, peço perdão, como uma pessoa que está interpretando mal a palavra dos espíritos. Os espíritos me ensinam muita coisa, mas não tenho recursos para transmitir.

las. Gostaria de ser uma pessoa com mais instrução, com mais valores culturais.

Peço ao nosso amigo Saulo Gomes êste parênteses para pedir perdão por alguma tolice que esteja falando. Estou tentando transmitir a palavra dos espíritos, aos quais muito pedi que me orientassem e ajudassem nessa conversação de hoje.

Passei o dia orando, pedindo compreensão da responsabilidade de uma conversação dessas, na televisão.

Dediquei a vida inteira aos bons espíritos e peço a êles que me ajudem a cometer a cota menor possível de erros, porque não tenho mesmo recursos. Estou falando porque ouvi.

28 — ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

P — Os espíritos informam, mestre Chico Xavier, se as pessoas que morrem recebem assistência no outro mundo?

R — Não há ninguém desamparado. Assim como aqui na Terra, na pior das hipóteses, renascemos a sós, em companhia de nossa mãe, mas nunca sózinhos, no mundo espiritual também a Providência Divina ampara todos os seus filhos.

Ainda aquêles considerados os mais infelizes, pelas ações que praticaram e que entram no mundo espiritual com a mente barrada pela sombra, que eles próprios criaram em si mesmos, ainda êsses têm o carinho de guardiões amorosos que os ajudam e amparam, no mundo de mais luzes e mais felicidade.

29 — PRIMEIRO CONTATO COM O MUNDO ESPIRITUAL

P — Diante das informações que você dá de contatos com os amigos que já não estão mais neste mundo, poderá recordar como nasceu em seu pensamento, a primeira idéia do mundo espiritual?

R — Devo dizer que tenho dito isto em diversas ocasiões e posso reafirmar aqui: a minha idéia com respeito à imortalidade da alma nasceu em meu cérebro quando estava de 4 para cinco anos de idade.

Minha mãe era católica e nos ensinava o caminho da oração e da meditação.

Em se vendo às portas da morte, sabendo que meu pai estava desempregado, preocupada com seus nove filhos, todos menores, pediu às amigas que se incumbissem dêles, guardando-os até que meu pai pudesse reavê-los para o lar.

Quando ela me entregou para uma senhora (ela pediu a nove amigas) eu lhe disse:

— Mas, minha mãe, a senhora está me dando assim para os outros, a senhora que é tão boa! Nós queremos a senhora tanto bem e está nos entregando assim, mamãe, para os outros?

Naquele tempo eu tinha de 4 para 5 anos, mas estou repetindo a cena com meu pensamento ligado ao coração materno. Então ela fez um olhar de muito espanto e disse:

— Não você! Eu já dei 7 crianças e nenhuma reclamou. Você não pode admitir que eu esteja desprezando vocês — falou com dificuldade. Acompanhe Ritinha — era a amiga que se incumbiu de ficar comigo — e procure se comportar bem. Eu vou sair daqui; todo mundo vai dizer que eu morri e não volto mais. Não acredite nisso, mas acredite que sua mãe vai voltar para buscar vocês todos. Eu não vou morrer e se eu demorar muito, mandarei uma moça buscar vocês (isso ela disse compreendendo que meu pai era um homem ainda moço com nove filhos e que era natural que fizesse um segundo casamento como fêz). Você vá com confiança porque eu não vou morrer; eu vou sair daqui carregada — naturalmente ela falava assim para apaziguar o meu coração que sofreria muito com aquela perda. No outro dia minha mãe desencarnou. Todo mundo chorava, mas eu confiava na sua palavra.

Fui morar com essa senhora que, apesar de ser uma criatura de qualidades muito nobres, às vezes

ficava nervosa. Em meu caso ela ficava nervosa diariamente e, então, eu apanhava bastante com vara de marmelo.

Minha mãe nos ensinava a prece. Toda noite, entre oito e nove horas, acendia a lamparina de querosene, punha-nos de joelhos para fazermos a prece, pedirmos o socorro de Deus e nossa Mãe Santíssima.

Quando aquela senhora saía a passeio, à tarde, com o marido e o sobrinho — que era para ela um filho adotivo — eu corria para debaixo de uma bananeira e começava a rezar, conforme minha mãe me tinha ensinado, as orações de sempre.

Uma tarde — eram mais ou menos 18 horas — eu estava orando, quando voitei-me e vi minha mãe atrás das folhas. Fiquei muito alegre. Na minha cabeça, de 5 anos de idade, não havia problemas. Minha mãe dissera que não iria morrer e que viria me buscar; eu não conhecia as dúvidas do povo na Terra, se existe ou não alma. Abracei minha mãe com aquela alegria, com aquelle contentamento! Disse a ela que agora não nos separaríamos mais. Ela, entretanto, disse-me que estava em tratamento, precisava voltar e não podia ficar comigo. Viera cumprir a palavra de que estava comigo. Perguntei-lhe se sabia que eu apanhava; disse estar informada de tudo e que eu devia ter muita paciência; que eu precisava mesmo de apanhar e isso era bom para mim.

Nesse dia, quando ela se despediu, me abençoou.

*Quando a senhora que tomava conta de mim,
voltou, disse a ela:*

*— Dona Ritinha, eu vi minha mãe, hoje ela veio
me ver!*

*— Meu Deus — disse ela — este menino está fi-
cando louco e, para consertar isso, uma boa surra
agora.*

*E, por causa da visão, eu tive uma surra. Come-
çara a luta e o conflito.*

*Assim, minha primeira idéia foi obtida no seio
da Igreja Católica.*

30 — TRANSPLANTES, MENSAGEM DO DR. BEZERRA DE MENEZES

P — Você na qualidade de médium, já recebeu
alguma mensagem sobre o tema do transplante?

R — *Tenho aqui uma mensagem que foi recebida
na manhã do dia 8 de junho, com alguns amigos de
S. Paulo. Vieram aqui e estávamos falando sobre a
vitória do Dr. Zerbini e sua equipe de médicos em
S. Paulo, em matéria de transplante. Depois disso
fomos orar, aqui mesmo, nesta sala da Comunhão
Espírita Cristã.*

*Como é natural, abrimos o Evangelho e a lição
do dia caiu naquela parte em que Jesus encontra
com Zaqueu, o rico daquele grande ensinamento da
Boa Nova. Foi com grande alegria para nós, que o*

*Dr. Bezerra de Menezes, que tem conversado muito
conosco a respeito do assunto transplante, deu uma
mensagem que gostaria de pedir à nossa Dalva.*

*O assunto era transplante e eu pedi a ela para
trazer.*

TRANSPLANTES

*Leitura no culto do Evangelho:
“Jesus na Casa de Zaqueu” Lucas, XIX: 1 a 10.*

Deter-nos-emos, em nossa ligeira reunião, tão-só-
mente no assunto de vossos comentários, em nossa
intimidade familiar.

Por que permitiria o Senhor que a Ciência na
terra se decida, com tanto empenho, no estudo e na
execução do transplante de órgãos e membros do
corpo humano?

Notemos que a iniciativa se fundamenta em
motivos respeitáveis. Isso vem lembrar a cada um
de vós outros o tesouro do envoltório físico que não
menosprezamos sem dano grave.

Senão vejamos.

Tendes hoje máquinas avançadas para a con-
fecção dos mais singelos serviços, no entanto, quem
se lembraria de vender um braço, a pretexto de pos-
uir engenhos para a solução de necessidades es-
senciais?

Dispondes de carros velozes para o trânsito per-
feito em terra, mar e ar, contudo, por guardardes se-

melhantes utilidades não colocaríeis um pé no mercado de oferta e procura.

Vossos aparelhos de observação alcançam o firmamento e vasculham as mais obscuras paisagens do microcosmo, entretanto, isso não é razão para tabelardes o preço de um dos olhos para quem aspire a comprá-lo.

Conseguiastes laboratórios eficientes, nos quais a perquirição atinge verdadeiros prodígios, todavia, por essa razão, não cederíeis por dinheiro um dos vossos rins, os admiráveis laboratórios de filtragem que vos garantem a saúde.

Vêde, pois, filhos, que todos sois Zaqueus, diante da vida, todos sois milionários da oportunidade e do serviço, no abençoado corpo que vos permite sentir, pensar, agir, trabalhar, construir e sublimar na Causa do Bem Eterno.

Basta aceiteis o impositivo da ação edificante e adquirireis empréstimos sempre maiores na Organização Universal dos Créditos Divinos. De todos os recursos, porém, que vos são confiados o corpo físico é o mais importante dêles, por definir-se como sendo o refúgio em que obtemos no mundo o valioso ensêjo de progredir e aperfeiçoar a nós mesmos, na esfera da experiência.

Zaqueus da Terra, todos ricos de tempo e de instrumentos do bem, para a evolução e melhoria constantes, aprendamos a servir para merecer e merecer para servir cada vez mais.

* REALIDADES DA ALMA

Inegavelmente, um dos pontos altos do programa "Cidade Contra Cidade", de Sílvio Santos, no Canal 4, TV-Tupi, de São Paulo, realizado na noite de 6 de março de 1970, foi a presença, na delegação uberlandense, do mundialmente famoso médium psicógrafo Francisco Cândido Xavier. Pela primeira vez, Chico Xavier comparecia a uma Televisão de um grande centro do país para ser entrevistado, justamente quando se faz o lançamento do seu centésimo livro. O repórter Saulo Gomes e o criador do programa, Sílvio Santos, fizeram interessantes perguntas a Chico Xavier, das quais destacamos, pela oportunidade no momento atual, duas perguntas formuladas por Saulo Gomes, que se seguem com as respectivas respostas:

31 — TUBO DE ENSAIO E RENASCIMENTO

P — Um assunto que está despertando grande interesse na opinião pública mundial.

(*) «Lavoura e Comércio», Uberaba, Minas, 7 de Março de 1970.